

Jakobson, Bakhtin E Foucault: Uma Reflexão Sobre Sujeito E Enunciado

JAKOBSON, BAKHTIN AND FOUCAULT: A REFLECTION ON SUBJECT AND STATEMENT

Paulo Cezar **RODRIGUES**¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo principal refletir sobre as noções de sujeito e enunciado em Bakhtin (2011), Foucault (2000, 2008) e Jakobson (1967, 1985), e também busca responder a questão de pesquisa: por que uma linguística do enunciado? Para tanto, optou-se por uma abordagem e uma análise estritamente teóricas que demonstrou que Bakhtin enfatiza que o enunciado se dá na interação, sempre se dirige a alguém, mesmo que esteja no interior do eu, responde a um enunciado anterior e provoca uma resposta. Foucault entende o enunciado como uma função constituída por um referencial, um sujeito, enquanto lugar vazio, um campo associado, e uma materialidade. Jakobson não utiliza a nomenclatura enunciado, tampouco contempla aspectos sociodiscursivos. Sua teoria considera a relação entre o remetente e o destinatário por meio de um canal físico, utilizando-se de um código comum aos envolvidos, a fim de comunicar uma mensagem.

Palavras-chave: Linguística. Sujeito. Enunciado. Interação. Materialidade.

Abstract: The main objective of this work is a reflection about the notion of subject and statement in Bakhtin (2011), Foucault (2000, 2008) and Jakobson (1967, 1985) and it also tries to answer the following research question: why a statement centered linguistics? To this end, it was chosen a strict theoretical analysis which pointed out that Bakhtin emphasizes that the statement only materializes in interaction, it is always directed to someone, even though this is the inter “me”, responds to a statement before and provokes a response. Foucault understands the statement as a function which consists of a reference, a subject, as an empty place, an associated field and materiality. Jakobson does not use the word statement or include socio-discursive aspects in his theory. His theory considers the relationship between the sender and the receiver through a physical channel using a code, common to the involved, in order to communicate a message.

Key-words: Linguistics. Subject. Statement. Interaction. Materiality.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor efetivo do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Endereço eletrônico: paulocezarrdrigues@hotmail.com.

Introdução

Os inúmeros estudos e pesquisas realizadas, nas últimas décadas, sobre sujeito e enunciado, além de revelarem a pertinência destes temas, evidenciaram também as diferentes posições existente entre os principais estudiosos que deles se ocupam, principalmente, no que se refere à noção ou à conceituação de sujeito.

Embora esta reflexão não tenha por objetivo analisar as teorias de Ferdinand Saussure, acerca da linguagem, considera-se importante ressaltar que, tanto Mikhail M. Bakhtin, quanto Roman Jakobson e Michel Foucault elaboraram suas noções e conceitos acerca de sujeito e enunciado, em certa medida, ora como resposta ora como refutação e ou complemento às teses defendidas por Saussure, no *Cours de Linguistique Générale*.², principal representante do estruturalismo francês, como se observa em Jakobson (1967):

O *Cours de linguistique* do mestre genebrino é sem a menor dúvida um dos livros mais significativos e ricos de conteúdo que a ciência da linguagem pode apresentar em seu acervo. [...] o que constitui o conteúdo desse livro empolgante não são as regras definidas de um catecismo, mas pioneiras hipóteses de trabalho e percucientes intuições. [...]. Um livro desses, por mais genial que seja, não está livre de contradições. Ora, seria perigoso e injustificável, ou – para falar com mais exatidão – é perigoso e injustificável tratar êsse *Cours de linguistique*, como se faz muitas vezes, à maneira de um compêndio, de uma doutrina bem acabada, e procurar disfarçar as suas contradições, ou ao contrário negar erroneamente as asserções fundamentais do livro. (p. 32).

Assim, considerando-se a importância de se realizar uma reflexão sobre estes dois importantes temas, que busque primordialmente responder à pergunta de pesquisa: por que uma linguística do enunciado?, é que, a partir das noções de sujeito e enunciado de Michel Foucault, Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e Roman Jakobson, realizar-se-á esta análise estritamente teórica. Desse modo, considera-se importante lembrar que esta reflexão não tem a pretensão de esgotar o assunto, em função de sua complexidade, profundidade e também das limitações de espaço deste gênero discursivo, tampouco se propõe a apresentar “a resposta”, mas sim uma resposta ou respostas que possam de alguma forma, contribuir para uma melhor compreensão por parte daqueles que se interessam por esses temas.

² Trata-se de uma obra póstuma, publicada após a morte de Saussure, em 1916, a partir das anotações feitas durante as aulas, por Charles Bally e Albert Sechehay, alunos de Saussure.

As concepções de enunciado em: Jakobson, Bakhtin e Foucault

Considera-se importante destacar que tanto a ordem quanto a divisão dos temas ‘enunciado’ e ‘sujeito’, em duas seções, nesta pesquisa, tem apenas um caráter meramente didático, para fins de uma melhor exposição das ideias, uma vez que nesta reflexão coaduna-se com o pensamento, sobre enunciado, de Bakhtin (2003, p. 301), para quem “ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver, enunciado”. Em outras palavras, o enunciado estaria, então, intrinsecamente ligado, desde a sua formulação até a recepção, às figuras de um emissor e de um receptor, ainda que este possa ser um ‘receptor virtual’ ou imaginário.

Em relação à apresentação dos teóricos investigados e suas noções, nas duas seções, o critério adotado obedecerá à seguinte ordem de exposição: inicialmente a reflexão recairá sobre os estudos de Jakobson; em seguida, Bakhtin e, por último, Foucault.

As análises de algumas das obras³ de Jakobson revelaram, a exemplo do que evidenciam seus títulos, que o enunciado não esteve no centro das preocupações do linguista, como se pode observar em Foucault e Bakhtin. Jakobson destinou a maior parte de seu tempo e esforços ao estudo do fonema, da segmentação da palavra, e sobre a tradução de outras línguas, desempenhando, assim, papel fundamental no desenvolvimento histórico da Linguística estrutural.

Entretanto, embora quase não se verifique em seus textos a menção ou a opção pelo emprego do termo ‘enunciado’, bem como a preocupação em conceituá-lo, observa-se nesses mesmos textos, e com considerável frequência, o uso da expressão ‘mensagem’ que, acredita-se, fora empregada como sinônimo ou equivalente de ‘enunciado’, uma vez que em ambos (enunciado/mensagem) há a necessidade de se ter um sujeito ou um emissor que os elaborem, e de outro, de um outro sujeito ou receptor/destinatário que os receba, assim sistematizado por Jakobson (1969):

³ JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia*. Filologia e Linguística. Vol. 2. Traduzido por: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1967. JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969; JAKOBSON, Roman; HALLE, Morris. *A Fonologia em relação com a Fonética*. Textos selecionados. SAUSSURE, Ferdinand; JAKOBSON, Roman; HJELMSLEV, Louis T.; CHOMSKY, Noam. Tradução de Carlos Vogt et al. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. JAKOBSON, Roman; POMORSKA, Krystyna. *Diálogos*. Tradução do texto francês Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Cultrix, 1985.

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou ‘referente’, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico, e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (p. 123)

Vale ressaltar ainda que, embora Jakobson tenha voltado o foco de seus estudos, também, para as questões relativas ao uso da linguagem, no que se refere à comunicação e à interação entre os indivíduos por meio da fala e da escrita, a partir dos elementos da comunicação, e das funções da linguagem, é possível observar que, aspectos relacionados à significação da mensagem/enunciado, não foram consideradas pelo linguista. Em outras palavras, tanto na sistematização dos elementos da comunicação quanto na formulação e composição das funções da linguagem⁴, os aspectos sociodiscursivos, tais como os históricos, ideológicos, e dialógicos, intrinsecamente ligados à composição da mensagem/enunciado e aos participantes da relação discursiva não foram contemplados e nem discutidos em sua teoria.

Contudo, vale destacar que tal opção por parte de Jakobson, em momento algum, ofusca ou diminui a sua importância em relação aos grandes teóricos de sua época. Pensa-se que sua opção pela investigação de determinados objetos e não de outros apenas evidencia sua firmeza e convicção quanto ao modo como via e concebia a linguagem. Não obstante, acredita-se que Jakobson tivesse consciência acerca da importância de se ter uma linguística que não se ocupasse unicamente dos fonemas da língua, mas, e principalmente, do enunciado, por meio do qual se é possível estudar e desvendar outras questões relativas tanto à sua formulação quanto em relação aos participantes da comunicação. Isso pode ser observado quando Jakobson (1969, p. 22), afirma “penso que a realidade fundamental com que se tem de haver o linguista é a interlocução – a troca de mensagens entre emissor e receptor, entre remetente e destinatário, entre codificador e decodificador”. Ainda que vinculado a uma concepção de língua como código, percebe-se sua preocupação quanto à necessidade de se ampliar o foco dos estudos sobre a linguagem, abarcando-se, também, a interlocução, presente nas trocas e ou relações enunciativas.

⁴ Funções: Referencial, Emotiva, Conativa, Fática, Metalinguística e Poética:

Em Bakhtin, as discussões em torno do enunciado ocupam papel de destaque, uma vez que se observa toda uma preocupação quanto à necessidade de que o enunciado seja adequadamente definido e conceituado. Essa preocupação fica evidente quando Bakhtin (2003, p. 279), assevera “a ausência de uma teoria elaborada do enunciado como unidade da comunicação discursiva redundante em uma distinção imprecisa da oração e do enunciado e frequentemente total confusão dos dois”. Para ele, essa ausência é preocupante, uma vez que o enunciado ocupa papel central nas situações de interação entre os indivíduos por meio da linguagem, como ele próprio observa (BAKHTIN, 2003, p. 283): “aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)”. Diferentemente das preocupações iniciais de Jakobson, Bakhtin demonstra-se preocupado e interessado em propor uma teoria que dê conta ou que possa abranger as questões relacionadas à linguagem de forma mais ampla, e em toda a sua complexidade. Nesse sentido, (BAKHTIN, 2003, p. 272), ressalta “cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados”. Para ele, os enunciados não estariam ‘soltos’, desconectados, mas sim vinculados ou relacionados a enunciados em produção e a outros já produzidos, compondo-se, assim, uma imensa teia de enunciados.

Além disso, para Bakhtin, sujeito e enunciado são apresentados como indissociáveis:

Um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu *direcionamento a alguém* ou seu *endereçamento*. [...] [...] o enunciado tem *autor* [...] e *destinatário*. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade [...], um público mais ou menos diferenciado, um povo [...], o chefe, [...] um estranho, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 301 - grifos nossos).

Diferentemente de Foucault (2008, p. 98), em Bakhtin o enunciado pode ser entendido como uma sentença, composta por uma estrutura: sílaba, palavras, frases = enunciado. Além disso, outro aspecto importante do enunciado, apontado por Bakhtin, é a sua ‘conclusibilidade’. Para ele (Idem, 2003, p. 280), “a conclusibilidade do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos no discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições”. Em outras palavras, mesmo quando o enunciado não possui o que se entende por estrutura convencional (começo, meio e fim), é possível saber, seja pela entonação de voz de quem o enuncia seja por um gesto etc. quando este chegou ao fim. A isto Bakhtin chama de acabamento do enunciado, conforme explica:

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – adotar uma atitude responsiva com ele, e é determinado por três fatores: o tratamento exaustivo do objeto do sentido (o conteúdo); o intuito, o querer dizer do locutor (a finalidade/objetivo); as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (estilo). (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Segundo ele, todo enunciado é passível de uma resposta ou réplica ainda que seja uma resposta ‘muda’. Além disso, o enunciado é composto e determinado por três fatores: o conteúdo, a finalidade/objetivo, e o estilo. Depreende-se dessa conceituação que não há como se estudar ou se pensar o enunciado de forma segmentada, sem considerá-lo em sua amplitude e totalidade, desvinculando-o do indivíduo e da sociedade.

Quanto à contribuição de Michel Foucault para os estudos sobre a linguagem e sua preocupação com as questões relativas a esta área, Branca-Rosoff (2008, p. 129), esclarece “enquanto a vulgata estruturalista se apegava à ordem dos signos, Foucault procurava articular teorias, opiniões e práticas [...]”. Isto pode ser verificado em relação ao enunciado, por exemplo, quando o próprio Foucault, faz o seguinte alerta (2008, p. 90), “ora, tive o cuidado de não dar uma definição preliminar de enunciado”. Embora discordasse das noções até então apresentadas, acredita-se que para Foucault tratava-se de um tema relativamente complexo, sobre o qual não deveria recair nenhum tipo de precipitação ou ‘pressa’ na teorização, conforme se pode observar em *Arqueologia do saber*.

Assim, por discordar das definições de enunciado, até então apresentadas, Foucault inicia a sua própria conceituação, por meio da negação, num processo de desconstrução de, praticamente, toda teoria existente sobre o tema, para somente então apresentar a sua concepção de enunciado. Concepção essa, diametralmente oposta a dos estruturalistas, conforme comenta Courtine (2009):

Ao contrário das definições precedentes, Foucault situa de saída o enunciado em uma perspectiva discursiva: o que define o enunciado na *Arqueologia* é o que o distingue das unidades que articulam os respectivos objetos da lógica, da gramática, ou da Escola Analítica [...]. (p. 85).

Além disso, Courtine, estudioso de Foucault, distingue a concepção de enunciado de Foucault, da noção de enunciado defendida pela Análise do Discurso (AD):

É preciso observar bem a ausência, no campo da AD, de uma concepção especificamente discursiva do enunciado. [...] O enunciado em AD muito frequentemente só designa a realização de uma frase em superfície: na designação ‘o enunciado seguido’, ele se refere a uma sucessão de frases em uma superfície discursiva, cujos modos de encadeamento foram até agora pouco estudados. (COURTINE, 2009, p. 85).

Por esse motivo, Foucault não pouca críticas aos linguistas e, em especial à AD, conforme demonstra Branca-Rosoff (2008, p. 129) “Foucault explica que o enunciado não tem nada a ver com as proposições dos linguistas, pois uma mesma frase, com o mesmo sentido, pode constituir enunciados diferentes [...]”. Em outras palavras, Foucault discordava da ‘tese’ de equivalência total entre frase e enunciado, muito comum entre os linguistas.

Assim, valendo-se de uma estratégia bastante peculiar, é que Foucault apresenta a sua concepção de enunciado. Neste percurso digressivo Foucault (2008, p. 98) afirma, entre outras coisas, que “o enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); [...]”. Ou seja, segundo ele, não se pode dizer que toda frase é um enunciado ou vice e versa. Embora a diferença entre um enunciado e uma frase possa ser bastante sutil, na maioria dos casos, uma vez que a estrutura sintática de ambas, geralmente, é idêntica, não se pode afirmar que frase e enunciado são a mesma coisa, tampouco se deve tomar esses dois termos como sendo sinônimos. Isto fica evidente quando (FOUCAULT, 2008, p. 92) declara “entretanto, a equivalência [entre frase e enunciado] está longe de ser total, e é relativamente fácil citar enunciados que não correspondem à estrutura linguística das frases”. Para Foucault, a equivalência total entre frase e enunciado não seria possível porque o enunciado não é constituído somente por uma estrutura linguística/sintática, composta por sujeito, verbo e predicado. Isto porque o enunciado não é em si mesmo uma unidade elementar ou uma proposição, e também porque existem enunciados que não correspondem a frase alguma (MACHADO, 2006, p. 150). Essa questão é, inicialmente definida:

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma *função* de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrito). Não há razão para espanto por não ter se podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma *função* que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008, p. 98 - grifos nossos).

E, posteriormente, reiterada pelo próprio Foucault:

Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma *função* que se apoia em conjunto de signos, que não se identifica nem com a *aceitabilidade* gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial (que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); um sujeito (não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma *posição* que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos diferentes); um campo associado (que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi articulada, mas um domínio de coexistência para outros enunciados); uma materialidade (que não é apenas a substância ou o suporte da articulação, um *status*, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização)”. (2008, p. 130 - grifos nossos).

Em outras palavras, na constituição do enunciado estariam envolvidos outros aspectos que não apenas os de ordem gramatical ou que estejam ligados à lógica ou presos a uma sequência (linguística) canônica.

Para Foucault, essa ‘função’ não ignora a necessidade de o enunciado apoiar-se em um conjunto de signos ou estrutura. Contudo, ele deixa claro que, justamente porque o enunciado é uma função, sua constituição pressupõe a presença de uma série de aspectos visíveis e invisíveis, tais como: um referencial, um sujeito, (objeto de reflexão da próxima seção), um campo associado, e uma materialidade. Nesse sentido, recorre-se à definição de Courtine, sobre a constituição do enunciado, segundo Foucault:

O enunciado encontra-se definido a partir de *quatro propriedades* que delimitam sua ‘função de existência’, a ‘função enunciativa’: o enunciado está ligado a um referencial; o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada; o enunciado tem um domínio associado (uma área); o enunciado apresenta uma existência material, distinta daquela da enunciação. (COURTINE, 2009, p. 86).

A partir desta definição, e das proposições de Foucault em *Arqueologia do saber*, pode-se chegar a uma compreensão muito mais adequada sobre o que é o enunciado, tanto em relação à sua complexidade quanto no que diz respeito à sua dimensão. Além disso, é possível reconhecer a importância dos estudos de Foucault acerca deste tema, uma vez que, acredita-se, sua definição de enunciado apresenta-se como bastante coerente, abrangente e inovadora. Nesse sentido, pode-se dizer que tanto os estudos quanto as conclusões de Foucault apontam enfaticamente para uma Linguística do enunciado.

O sujeito

Em relação à definição de sujeito, pode-se dizer que se trata de uma questão tão polêmica e controversa quanto às discussões que envolvem o enunciado.

Quanto à noção de sujeito de Jakobson, não se verificou em seus estudos a preocupação em apresentar uma definição específica sobre o tema. Nesse sentido, observou-se que são poucas as vezes em que o linguísta faz uso do termo sujeito. Quando isto ocorre, o termo é empregado como sinônimo de emissor, locutor ou autor da mensagem. É o que se verifica quando Jakobson (1985) declara:

É nisso que reside uma das condições da multiplicidade compositiva atual de nosso código, a *língua* que faz com que o *sujeito* falante tenha a competência (precisamente, a competência) de passar, com liberdade e segundo a necessidade, de um subcódigo a outro. (p 82 - grifo nosso).

É possível verificar que Jakobson tomava os termos ‘sujeito’, ‘falante’, ‘autor’ e ‘emissor’ como sendo equivalentes ou sinônimos. Para ele, o sujeito estava associado à figura de um indivíduo ou pessoa, uma entidade física, de carne e osso, conforme o próprio autor demonstra:

Desde há algum tempo, tanto nos e Estados Unidos como em outros países os linguistas começam a dar mais atenção às possibilidades evidenciadas pela ênfase da mensagem em outros fatores, em particular ênfase nos dois *protagonistas* do ato de comunicação, o *emissor* e o *receptor*. (JAKOBSON, 1969, p. 19 - grifos nossos).

A confirmação de que no estruturalismo a visão que predominava acerca do sujeito era aquela que o associava (ou o confundia) a um indivíduo é confirmada por Marcuschi (2008, p. 32), quando esclarece “[...], o sujeito saussuriano não é um indivíduo voluntarista, pois este é o sujeito da *parole*, o sujeito saussuriano é um sujeito formal e em certo sentido ‘assujeitado’, social, [...]”. Ainda sobre o sujeito na perspectiva estruturalista, o professor esclarece:

O problema do estruturalismo é sua concepção de língua como externa ao sujeito que é seu produto, sendo ela transparente e autônoma. O sujeito teria morrido nesse caso e não seria um autor, tal como já postulavam Foucault ou Barthes. Como autor, o sujeito é, no máximo, dono de uma ‘fala’, mas esta não é objeto da linguística e é um exterior. (MARCUSCHI, 2008, p. 70).

Quanto à concepção de sujeito de Jakobson, propriamente dita, recorre-se nesta pesquisa às asserções de um estudioso acerca do linguista, segundo o qual:

No estruturalismo jakobsoniano, o sujeito aparece sob forma tríplice, enquanto observador que é ele próprio uma parte da sua observação (1), enquanto produtor e receptor intersubjetivo (2) e inconsciente (3) da mensagem linguística. [...] o sujeito é ampliado com as dimensões da intersubjetividade e do inconsciente. ‘A morte do sujeito’ de Foucault não é o mote de Jakobson. A fórmula de Lacan da ‘descentralização do eu’ aproxima-se mais disso. Em Jakobson o destronamento do eu faz-se contudo tanto em favor da subjetividade quanto do inconsciente. (HOLENSTEINS, 1978, p. 57).

Observa-se tanto em Marcuschi quanto em Holensteins uma preocupação em distinguir ou esclarecer os postulados, sobre sujeito, propostos pelos estruturalistas e por Foucault. Contudo, Marcuschi apresenta uma terceira concepção ⁵de sujeito, que não é nem o sujeito assujeitado, do estruturalismo, tampouco é a ‘posição sujeito’, defendida por Foucault (2008, p. 105), conforme se pode verificar:

Em suma, pode-se dizer que o sujeito não é nem assujeitado nem totalmente individual e consciente, mas produto de uma clivagem da relação entre linguagem e história. Em não sendo totalmente livre, nem determinado por alguma exterioridade, o sujeito se constitui na relação com o outro e, [...], o sujeito não é a única fonte de sentido, pois ele se inscreve na história e na língua. (MARCUSCHI, 2008, p.70).

⁵ Trata-se da concepção de sujeito para a Linguística Textual.

Em Bakhtin, a exemplo do que se observou em Jakobson (1967, 69, 85), não se verificou a preocupação em conceituar ou em propor uma teoria a respeito do sujeito. Para ele, a figura do sujeito no/do enunciado, também, está relacionada a uma pessoa, a um indivíduo, geralmente, o locutor. Embora Bakhtin (2003) trate sobre a alternância dos sujeitos, devolução da palavra ao outro etc., ao se referir ao sujeito do enunciado, ele não o concebe como uma ‘posição vazia’, que pode ser ocupada por indivíduos até certo ponto diferentes (FOUCAULT, 2008, p. 105), mas a uma posição ‘ocupada’ por um indivíduo ou locutor, único capaz de ocupar aquela posição de enunciator. Essa concepção de sujeito como dono/autor de seu discurso ou como aquele que ao pronunciar um enunciado se funde a ele, fica clara quando Bakhtin (2003, p. 274), assevera “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir”.

Visto assim, o sujeito bakhtiniano se assemelharia em muito ao sujeito proposto, anteriormente, por Marcuschi, conforme se observa em Geraldi, segundo o qual o sujeito nesta perspectiva poderia ser entendido como:

produto das interações verbais concretamente vividas pelos indivíduos; [...] produto da herança cultural, mas também de suas ações sobre ela.] repete atos e gestos, constrói novos atos e gestos. [Tem consciência de que a] repetição e criação andam sempre juntas; Está atento às ‘maneiras de empregar os produtos (ideológicos) impostos por uma ordem econômica dominante’ [...]; [...] sujeito como herdeiro e produtor de herança cultural. (GERALDI, 1997, p. 19, 20 - 23).

Não se trata, portanto, do mesmo sujeito do estruturalismo, uma vez que Bakhtin atribui ou leva em conta a individualidade, intencionalidade e a voluntariedade do falante. Isto pode ser observado em dois momentos, o primeiro, quando Bakhtin (2003, p. 265) afirma “todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual”. E, posteriormente, ao declarar “A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido [...]” (p. 282).

Quanto ao papel e à importância que Foucault atribuiu às questões relativas ao sujeito, em suas pesquisas, Fernandes (1997, p. 57), esclarece “[...] o tema geral de sua pesquisa é o sujeito, mas ao tratar dos modos de objetivação do sujeito, ou seja, o modo pelo qual o homem torna-se sujeito, focaliza-o colocado em relações de poder muito complexas”. Ou seja, diferentemente do que se

verificou em Jakobson e em Bakhtin, Foucault nutria um interesse específico sobre este tema, o que resultou não somente na elaboração de uma nova teoria, mas sim na produção de um conceito específico, profundo, contundente, e explicitamente divergente sobre o tema. Sua posição pode ser verificada em sua asserção:

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao sujeito da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. Esse lugar é uma dimensão que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços que pertencem exclusivamente à função enunciativa e permitem descrevê-la. (FOUCAULT, 2008, p. 107).

No que se refere à estreita relação existente entre os temas ‘sujeito’ e ‘enunciado’, exaustiva e profundamente discutidos por Foucault, Fernandes (1997, p. 53), comenta “concernente à relação sujeito e enunciado, sempre há um sujeito, um autor, ou uma instância produtora. No enunciado há sempre uma posição-sujeito ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos”.

Como resultado de seu evidente interesse pelo tema, Foucault advoga a existência de um sujeito diferente do proposto pelos estudos estruturalistas, pela Linguística Textual e Análise do Discurso. Isto pode ser verificado em Courtine (2009):

O sujeito que está em questão não é o sujeito gramatical, tampouco o sujeito da enunciação. Não será descrito como o indivíduo que realmente teria efetuado operações [...]. O sujeito, na perspectiva foucaultiana, não pode ser reduzido a uma entidade linguística nem a uma subjetividade psicológica qualquer. Entre as noções que vêm caracterizá-lo, destacaremos aquela de *posição sujeito*. (p. 86).

Leitura do sujeito foucaultiano que é corroborada e explicada, também, por Granjeiro (2007):

Para Foucault, o sujeito não existe a priori, nem na sua origem, nem sua suposta essência imanentista. Não há, pois, nenhum tipo de essência identitária per si. A identidade do sujeito é uma construção histórica, temporal, datada e como tal, fadada ao desaparecimento. O sujeito para Foucault é disperso, descontínuo, é uma função neutra, vazia, podendo adquirir diversas posições, inclusive a de autor [...]. (p. 37).

Das asserções de Foucault, bem como das de seus estudiosos, presentes nesta pesquisa, pode-se dizer que a noção de sujeito defendida pelo filósofo francês difere radicalmente das concepções dos demais teóricos estudados neste trabalho. Contudo, considera-se que tão importante quanto promover a análise e o cotejo entre noções e definições sobre determinados conceitos, no caso, sobre enunciado e sujeito, é constatar que as proposições de Foucault, em *Arqueologia do saber*, mais especificamente, evidenciam, pela sua consistência e profundidade teórica, e abrangência metodológica, a importância de se realizarem estudos e pesquisas sobre a linguagem não apenas levando-se em conta o signo, o fonema, de forma segmentada e ou fragmentada, mas também, e principalmente, estudar o enunciado em toda a sua extensão e profundidade composicional, conforme bem preconizado pelos pressupostos de Michel Foucault.

Considerações finais

Nesta pesquisa buscou-se, por meio das análises realizadas, possibilitar a reflexão acerca de dois importantes temas para os estudos linguísticos. Além disso, buscou-se ainda, por meio do cotejo entre os conceitos de três grandes teóricos, responder à pergunta de pesquisa ‘Por que uma Linguística do enunciado?’.

Assim, acredita-se que além de possibilitar a realização de uma reflexão extremamente profícua para o pesquisador, uma vez que poderá contribuir significativamente para a sua formação acadêmica, as análises demonstraram, ainda que não em forma de uma resposta convencional, que uma Linguística do enunciado é de fundamental importância para abarcar os estudos realizados nesta área, uma vez que a partir desta concepção, sujeito e enunciado passam a ser concebidos de forma muito mais abrangente e de modo mais aprofundado, uma vez que o primeiro, é apresentado como ‘posição’ e o segundo, como ‘função’ (FOUCAULT, 2008).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. 6.ed. introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BRANCA-ROSOFF, Sônia. Formação discursiva: uma noção excessivamente ambígua? In: BARONAS, Roberto Leiser; KOMESU, Fabiana (org.). *Homenagem a Michel Pêcheux: 25 anos de presença na análise do discurso*. Tradução Roberto L. Baronas, Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 127-148.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na Análise do Discurso. In: ____; SANTOS, João Bosco Cabral (org.). *Percursos da análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Clara Luz, 2007, p. 47 – 68.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Org.) Manoel Barros da Motta. Tradução, Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 87 – 143.
- GERALDI, João Wanderley. Da redação à produção de textos. In: CHIAPPINI, L. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GRANJEIRO, Cláudia Rejane Pinheiro. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção de conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 33 – 45.
- HOLENSTEINS, Elmar. *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Traduzido por: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978.
- JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia. Filologia e Linguística*. Vol. 2. Traduzido por: J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1967.
- JAKOBSON, Roman; POMORSKA, Krystyna. *Diálogos*. Tradução do texto francês Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MACHADO, Roberto. Epistemologia, arqueologia, genealogias. In: _____MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 143 – 181.
- MARCUSCHI, Luiz. Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Recebido em 08/2014.

Aceito em 09/2014.